

# Maria tem um tumor cerebral



# Maria tem um tumor cerebral

Por Victoria Barton

Revisores médicos para esta edição: Professor Richard Grundy, Children's  
Brain Tumour Research Centre, University of Nottingham

Ilustração por  
Tony Harris



Este livro pertence a.....



Esta é Maria. Ela tem cinco anos de idade e mora com sua mãe, pai, o irmão Lewis e sua babá Paty. Maria tem um cachorro chamado Pickles e uma coelha chamada Flora.

Ela gosta de muitas coisas, como correr, pular e fazer piruetas, mas o que Maria mais gosta é de brincar com sua amiga Susie, a qual tem dois gatinhos, Jack e Jill.



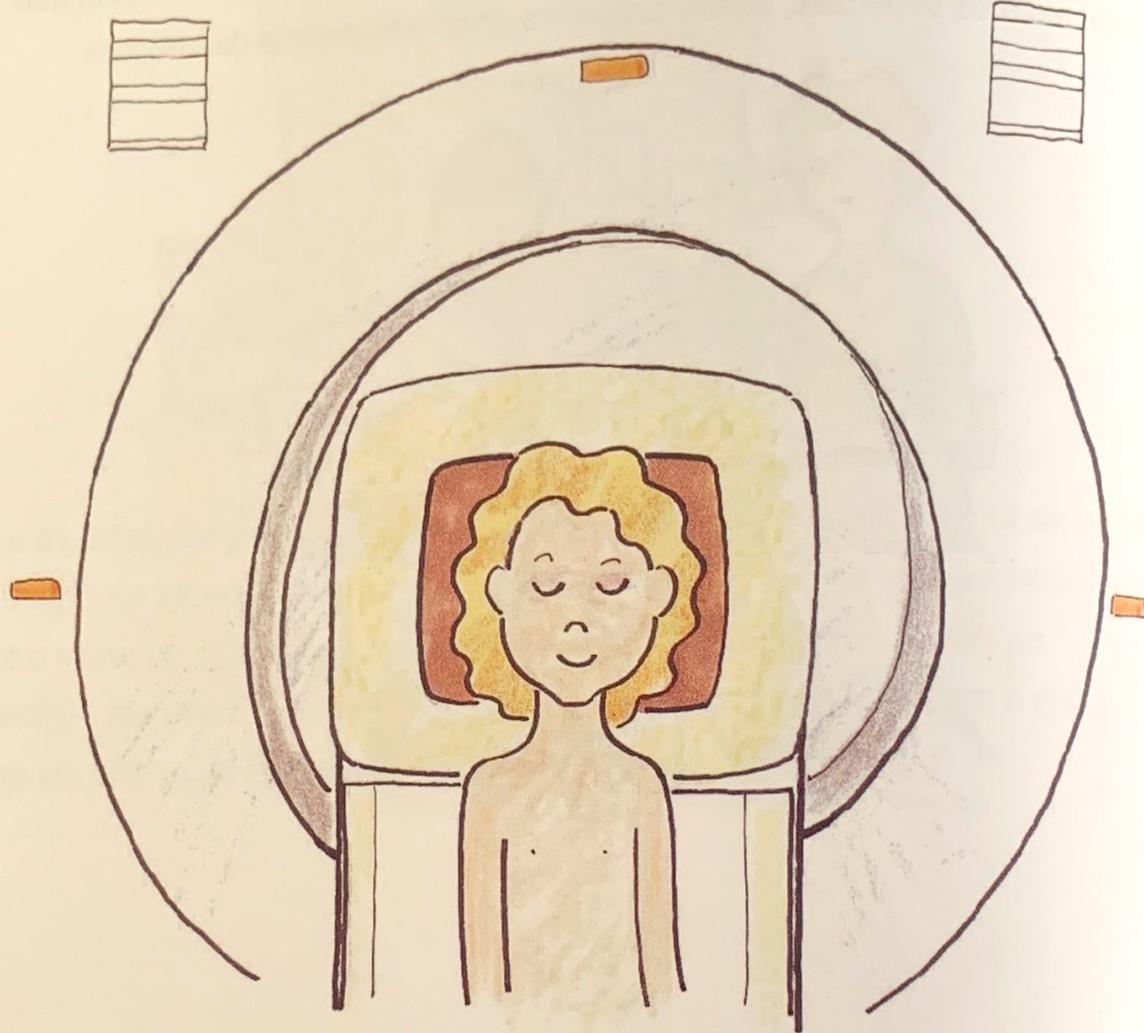


Por algumas semanas Maria não se sentiu bem. Ela se sentiu muito cansada e um pouco irritada. Às vezes acordava enjoada de manhã e frequentemente tinha muita dor de cabeça. Mamãe ficou preocupada e levou Maria ao médico - ele olhou os olhos de Maria, examinou-a detalhadamente e disse que ela precisava ir direto ao hospital.

O médico do hospital examinou Maria novamente e disse que ela teria que fazer exames especiais, sendo um deles chamado exame de imagem.



\*As palavras em *itálico* são explicadas sob "O que estas palavras significam" no final deste livro.

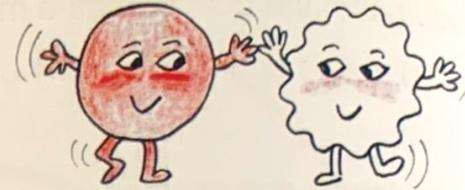


Foi falado com Maria que ela teria que se deitar por um longo período de tempo, enquanto uma máquina tirava fotos de dentro da sua cabeça. Não doeria nem um pouco, mas a máquina fazia muito barulho.

Logo depois dos exames de imagem, o médico atendeu Maria, a mamãe e o papai. O médico lhes disse que Maria tinha um caroço em sua cabeça e que isto era a causa das dores de cabeça e todo mal estar. O caroço era chamado de tumor cerebral e era um tipo de *câncer*.



“O que é câncer?” perguntou Maria. O médico explicou que “O corpo de todas as pessoas é feito por milhões de células pequenas, tão pequenas que você não as consegue ver sem um microscópio. Essas células fazem diferentes coisas que nosso corpo precisa - como sangue, músculo ou osso.



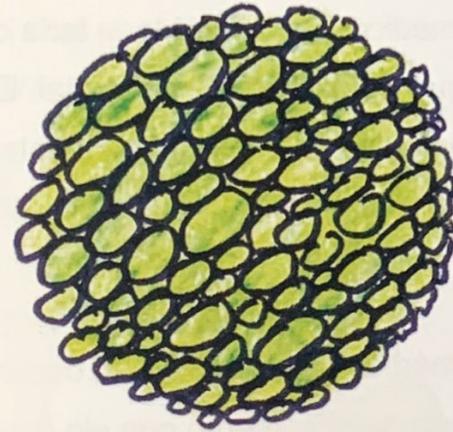
Células saudáveis

Algumas vezes as células começam a se dividir para fazer novas células tão rapidamente que não fazem seu trabalho direito. São produzidas grandes quantidades de células danificadas que impedem que as células boas trabalhem adequadamente. Isto é chamado de câncer. Alguns cânceres crescem mais rapidamente que outros”.



Células danificadas

Quando as células danificadas não sabem o que deveriam fazer, elas se grudam umas nas outras formando um caroço, que é chamado de tumor.



Existem dois tipos principais de tumor cerebral, um dos quais pode se espalhar para outras partes do corpo, chamado de “tumor maligno” e outro que fica somente na parte do cérebro onde se inicia, chamado de “tumor benigno”. Ambos precisam de tratamento com *quimioterapia*, *radioterapia* ou cirurgia e algumas vezes da combinação de todos os três.”

O médico disse que Maria teria que fazer uma *operação* para retirar o tumor e que deveria ficar no hospital. Ele explicou que algumas vezes as crianças apresentam dificuldades em falar ou andar logo depois da *operação*. Se isso acontecer com Maria, haverão especialistas para ajudá-la.

O médico descobriria qual o tipo de tumor que Maria tinha, então ele lhe diria qual o tipo de tratamento que ela deveria receber para ter a certeza de que o tumor iria embora.

Maria ficou triste por ter que ficar no hospital, mas haviam outras crianças por lá para brincar e mamãe também poderia ficar, enquanto o papai cuidava de Lewis e Patsy, Pickles e Flora.

Na manhã seguinte Maria não pôde comer nada porque passaria pela *operação*. Antes de tudo, outro médico veio vê-la, era chamado de *anestesista* e seu trabalho era garantir que Maria dormisse rapidamente durante sua *operação*. Mamãe e papai estariam com ela antes de dormir e logo quando acordasse.





Então veio outro médico, ele era chamado de *neurocirurgião* e iria fazer sua *operação*. Maria queria saber o que iria acontecer. O *neurocirurgião* explicou que eles teriam que cortar um pouco do cabelo de Maria para que pudessem ver direito a cabeça dela. Maria teria uma grande faixa ao redor da cabeça quando acordasse e ela poderia sentir-se um pouco cansada e dolorida. Ele disse que ela acordaria em outra enfermaria chamada de Cuidado Intensivo.





Quando as enfermeiras vieram buscar Maria para a *operação* ela teve que colocar um avental especial com uma abertura nas costas. A mãe de Maria estava com ela e segurou sua mão até que a medicação anestésica a fizesse dormir.

A próxima coisa que Maria soube é que ela estava deitada na cama, com mamãe sentada de um lado e papai do outro. Havia muitas máquinas bipando e ela se sentiu muito cansada e voltou a dormir.

Logo Maria estava se sentindo melhor e foi capaz de sentar-se e comer algo. Papai e mamãe estavam muito orgulhosos dela. A enfermeira apareceu e disse que já era hora de voltar para a enfermaria, então mamãe, papai e a enfermeira empurraram Maria, em sua cama, ao longo do corredor.

No outro dia o médico veio ver Maria, mamãe e papai para dizer a Maria que ela teria que fazer quimioterapia e talvez precisasse também de radioterapia, assim que possível. Com a quimioterapia, alguns medicamentos seriam comprimidos e outros seriam injetados na veia através de um cateter central. Há diferentes tipos de cateter central – um broviac, um portacath e um cateter Hickman.



Geralmente esse “cateter” é chamada de Wiggly! O “cateter” é muito útil porque, assim como serve para dar medicações, é usado para retirar sangue para exames. O médico disse que Maria não ficaria no hospital o tempo todo, mas que ela teria que fazer uma outra pequena *operação* para colocar o cateter central. Primeiro ela poderia ir para casa por alguns dias, para ficar mais forte.



Quando Maria voltou para casa, todos se alegraram e compraram presentes. Seu irmão Lewis estava muito satisfeito em vê-la, mas se sentiu um pouco deixado de lado. Com sorte mamãe e papai logo perceberam isso e ele e Patsy estavam sempre incluídos.

Uma vez que o cateter central foi inserido, Maria começou sua quimioterapia. Ela geralmente era pesada e medida quando vinha ao hospital para tratamento, e também, um exame de sangue era sempre realizado. O médico poderia então decidir se Maria faria o tratamento naquele dia ou se ela necessitaria de uma *tranfusão de sangue*. A tranfusão ajudaria Maria a ter mais energia e se sentir melhor.

Quando Maria fazia a *quimioterapia*, esta era feita através de um equipo de soro adaptado ao cateter especial, Wiggly.

Não doía, mas algumas vezes ela se sentia um pouco estranha. Quando a quimioterapia terminava, a máquina bipava!





Cada vez que tinha que fazer *quimioterapia*, Maria ficava no hospital por alguns dias. Mamãe e papai revezavam para ficar com ela, e Lewis e a babá Patsy a visitavam todos os dias. Algumas vezes, ela tinha que ficar no hospital um pouco mais se ela tivesse febre, Lewis e Patsy ficavam com a vovó.

Maria não se importava em ficar no hospital, pois ela tinha feito amizade com outras crianças. Caso se sentisse bem o bastante, as professoras e especialistas em brincar sempre tinham coisas que ela poderia fazer.

Em casa, Maria recebia sua medicação pela mamãe ou papai e a enfermeira da comunidade vinha colher o sangue.